

O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Luiza Valdevino Lima

Universidade Regional do Cariri; luiza.valdevino10@gmail.com

Daniela Valdevino Lima

Universidade Regional do Cariri; danibiourca@gmail.com

Ianara Raine Martins Mota

Universidade Regional do Cariri; ianararayne@gmail.com

Resumo

O presente estudo traça uma breve discussão a respeito da ludicidade nas metodologias do ensino de Língua Portuguesa, tendo como público principal os discentes surdos. É notório nos dias de hoje que a educação de surdos tem ganhado muita visibilidade, porém não podemos dizer que ela não precise melhorar. Comparando o panorama da educação de surdos em 1880 com o de agora, percebemos que os surdos tiveram um grande salto na luta pelos seus direitos, pois atualmente eles têm sua Língua reconhecida nos estudos linguísticos e também nos meios legais. No Brasil, a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação. Porém, não podemos esquecer que o surdo precisa aprender a Língua Portuguesa, visto que é a língua oficial do país onde vivem. Frente a isso, procuramos nessa pesquisa traçar uma análise de como se dá o ensino de Língua Portuguesa para surdos e sugerir estratégias lúdicas para que os professores dinamizem suas aulas. Para o embasamento desta pesquisa, fizemos leituras de artigos científicos bem como livros que tratam da temática abordada nesta pesquisa. Consideramos esse estudo de grande importância, pois o tema escolhido é pouco discutido e necessita ganhar mais visibilidade. Esperamos que este trabalho sirva de suporte aos docentes que procurem modificar suas metodologias para o ensino dos surdos.

Palavras-chave: Ludicidade, Língua Portuguesa, ensino, aluno surdo

Introdução

A educação de surdos ao longo dos anos vem ganhando espaço nas discussões de diversas pessoas que se interessam pelo estudo da língua. A comunidade surda vive em uma constante luta para ter os seus direitos garantidos e até nos dias de hoje podemos notar que essa a educação direcionada a esse público caminha a passos lentos, isso devido à inclusão

ainda ser algo que geralmente não é dada a devida atenção.

Sabemos que no Brasil os surdos se comunicam utilizando a Língua Brasileira de Sinais, sendo essa sua língua materna, porém essa língua não substitui a modalidade escrita da Língua Portuguesa, dessa forma os surdos devem aprender essa língua na escola regular.

O ensino de Língua Portuguesa tem sido uma constante inquietação dos professores dessa disciplina, pois para eles não é ofertado nenhum suporte ou formação para lidar com esse público. Diante dessa problemática, a presente pesquisa busca compreender um pouco sobre como se dá o ensino de Língua Portuguesa para alunos com surdez e oferecer embasamento aos docentes, objetivando norteá-los quanto ao ensino desses alunos.

O interesse em dissertar sobre esse tema se deu devido a uma curiosidade em saber se os professores de LP procuram englobar seus alunos surdos nas metodologias utilizadas em sala de aula e se eles repensam sua postura quando se deparam com esses alunos. Igualmente temos interesse em sugerir que a ludicidade seja priorizada nessas aulas e como essa pesquisa objetivamos que esses profissionais encontrem suporte para reestruturar seus métodos e passem a conhecer melhor o público com surdez.

Metodologia

Com base nos objetivos da pesquisa, podemos caracterizá-la como sendo de natureza exploratória, pois procura se familiarizar com um certo tema, objetivando o fornecimento de informações para pesquisas futuras. Segundo Raupp e Beuren (2009, p.80), esta caracterização ocorre quando “há pouco conhecimento sobre a temática abordada”.

Quanto aos procedimentos seguidos, essa pesquisa é de caráter bibliográfico, conforme Cervo e Bervian (1983, p.55) a pesquisa bibliográfica:

Explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descrita ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. (CERVO e BERVIAN 1983, p.55)

Diante dos argumentos apresentados, destacamos que a pesquisa em questão busca embasamento em bibliografia publicada sobre determinado assunto.

Resultados e Discussão

Um breve relato sobre a educação de surdos

Não raro, toma-se conhecimento, por meio de pesquisas realizadas na área da surdez, a respeito da educação de surdos no Brasil e no mundo. Os surdos passaram por grandes dificuldades para chegarem onde estão hoje, foram muitas lutas em busca do direito à educação, e sabe-se que essas lutas não param, pois é perceptível ainda, nos tempos atuais, várias barreiras que eles se deparam quando ingressam na vida escolar.

A história da educação de surdos nos mostra um panorama de lutas e reivindicações em busca de acesso à educação para as pessoas com surdez. Ao estudarmos sobre esse assunto, percebemos que muitos foram os contextos que os deixaram totalmente à margem da sociedade e, por conseguinte da educação. É relevante destacar que alguns filósofos da educação, em suas teorias, exprimiam preconceito e exclusão dos surdos ao se referirem à forma como deveria acontecer a aprendizagem.

Como exemplo, podemos citar o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.c.), ele acreditava que a aprendizagem se dava por meio dos 5 sentidos, assim tinha em sua concepção que a aprendizagem dependia também da audição. Dessa forma, o surdo não podia pensar e conseqüentemente, lhe era vedado o acesso à razão. Seguindo esse pensamento aristotélico, os surdos são incapazes de aprender, pois não podem ouvir.

Mais tarde, no século XVI, o médico italiano Girolamo Cardano se opôs ao pensamento de Aristóteles quando afirmou que a audição e a fala não eram indispensáveis ao entendimento das ideias e que a surdez do indivíduo traria uma barreira na aprendizagem, porém não eram considerados deficientes mentais por não ouvirem. Segundo Jannuzzi (2004, p.31), este médico pesquisador “concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem de uma pessoa, uma vez que os Surdos poderiam

aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos”

Ao longo da história da educação de surdos destacam-se três filosofias educacionais que deram base na aprendizagem desses indivíduos. Como afirma Dorziat (1999, p. 13):

[...] apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos, existem três grandes correntes filosóficas: a do Oralismo, da Comunicação Total e do Bilinguismo. (DORZIAT 1999, p. 13)

A filosofia oralista surgiu em 1880, no Congresso de Milão na Itália, onde foi votado qual método seria adotado para o ensino dos surdos. A grande maioria dos representantes que estiveram presentes nesse congresso votaram a favor do método oralista, cujo principal objetivo era desenvolver a fala oral no indivíduo com surdez. Com a ascensão desse método educacional, foi coibido o uso das línguas de sinais em todo o mundo, dessa forma a comunidade surda passou a ser educada na língua oral dos seus respectivos países. Segundo Strobel (2006, p. 247), o oralismo perdurou por 100 anos.

O oralismo não obteve resultados satisfatórios dando lugar assim a outra filosofia educacional chamada de comunicação total, esse método surgiu na década de 60. Segundo Quadros (1997, p.24), a comunicação total permitia o uso da língua de sinais para desenvolver a linguagem na criança com surdez, porém, conforme afirma Quadros (1997, p.24), “a língua de sinais é usada como um recurso para o ensino da língua oral.”. De acordo com esse método, os surdos deveriam utilizar a língua de sinais e a língua oral simultaneamente.

Na década de 70 surge a filosofia do bilinguismo, pois nessa época a comunicação total já não estava sendo eficaz. Como descrito por Quadros (1997, p.27):

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS 1997, p.27)

Frente ao exposto, percebe-se que a filosofia do bilinguismo trouxe grandes avanços na educação dos surdos, pois esse método respeita as línguas de sinais e conseqüentemente o surdo. Dessa

forma, os surdos têm direito a utilizar livremente sua língua materna, e dentro do âmbito escolar o ensino das disciplinas acontecerão na língua deles com o auxílio de um profissional habilitado que faça a interpretação de uma língua para a outra.

É importante frisar também que o bilinguismo “tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, e como segunda língua a língua oficial do seu país”. (GOLDFELD, 2002, p. 42). Portanto, no Brasil o surdo terá como L1, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e como L2, a Língua Portuguesa (LP).

A Língua Portuguesa e o aluno surdo

Em primeiro lugar é importante destacar que as línguas de sinais não são universais, ou seja, sabe-se que cada país possui sua língua oral e, por conseguinte o mesmo ocorre com as línguas de sinais. Conforme afirma Gesser (2009, p.11), “ora sabemos que nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua(s) própria(s) língua(s). (...) com a língua de sinais não é diferente.”. Portanto, no Brasil os surdos se comunicam utilizando a Língua Brasileira de Sinais:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Dessa forma o surdo é livre para interagir fazendo uso da sua língua materna, no caso a Libras e na escola regular deve aprender a Língua Portuguesa, que constitui para ele a sua segunda língua. É importante também frisar que os ouvintes brasileiros busquem conhecimento a respeito da Libras, para assim interagirem com os surdos e fazer a inclusão de fato acontecer.

A realidade da educação nos mostra que a maioria dos professores não possuem conhecimento da Libras, dificultando assim a sua comunicação com o aluno e conseqüentemente a interação dentro da sala de aula. Assim sendo, esses professores necessitam do intérprete para poderem interagir com o

surdo e delegam a responsabilidade do ensino desse aluno para esse profissional. É relevante destacar que a escola deve acolher o aluno surdo de forma que ele se sinta igual a todos os seus colegas ouvintes.

O aluno surdo na escola regular é exposto ao ensino da Língua Portuguesa, sua segunda língua, porém as metodologias usadas para o ensino dessa língua não são adequadas para este aluno. A lei nº 10.436/2002 enfatiza que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.”. Somando-se a isto, é importante lembrarmos que o ensino da Língua Portuguesa para o educando com surdez se restringe somente a parte escrita.

Recomenda-se que o professor de LP utilize, no ensino para surdos, metodologias que sejam próprias de segunda língua, levando em consideração o canal de comunicação das duas línguas, pois a Língua Portuguesa é oral-auditiva e a Libras, visual-espacial. Dessa forma podemos compreender que o surdo adquire aprendizados por meio da visão, visto que a Libras é uma língua visual. Vale ressaltar também que o surdo, por não possuir o sentido da audição, tem sua visão aguçada, ou seja, ele é observador e tudo é perceptível aos seus olhos.

Em face do exposto, podemos perceber que a metodologia ideal para o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos é fazer o uso de imagens o máximo possível. Dessa forma facilitará a aprendizagem do surdo. No caso de conceitos abstratos, cabe ao professor criar uma explicação que seja melhor compreendida pelo surdo, podendo associar com seu dia-a-dia, trazendo mais próximo para sua realidade.

A ludicidade no ensino de Língua Portuguesa para surdos

A palavra lúdico é original do latim *ludus* e remete à jogos e divertimento. Segundo Luckesi (2000, p. 96) o que caracteriza o lúdico “é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem o vivencia em seus atos”. A ludicidade transmite uma ideia de satisfação no que se vai fazer, tornando aquilo que é obrigatório em algo prazeroso.

O uso de estratégias lúdicas não é restrito apenas às crianças, ou seja, independente da faixa etária do grupo ao qual será ministrado determinada aula, usar a ludicidade é de extrema relevância. Levando em consideração a faixa etária,

cabe ao professor selecionar atividades de acordo com a necessidade de seus alunos. Podemos frisar que o lúdico torna as aulas atrativas e conseqüentemente, prende a atenção do educando, este por sua vez, sentirá satisfação em aprender e não ficará cansado nas aulas, pelo contrário, terá sempre mais entusiasmo para retornar à sala de aula.

A ludicidade nas aulas de português para alunos surdos é de grande importância, pois é sabido que a LP para estes alunos se configura como segunda língua, ou seja, para eles o português é uma língua estrangeira. Como já mencionado anteriormente, os surdos, por não possuírem o sentido da audição, devem aprender basicamente a escrita da LP. É papel do professor de tal disciplina buscar metodologias para essas aulas, objetivando o êxito no ensino ministrado aos surdos. Nas aulas de Língua Portuguesa é necessário que o aluno compreenda o texto, e cabe ao professor procurar melhores métodos que façam o surdo entendê-lo. Dessa forma afirma Quadros & Schmiedt (2006, p.41):

Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão do texto. (QUADROS & SCHMIEDT 2006, p.41)

Para as aulas de Língua Portuguesa é primordial que o professor utilize imagens, pois é inviável para o aluno surdo gravar o som de cada sílaba, portanto, o ensino deve ocorrer com base no uso da palavra escrita e da imagem referente àquela palavra. Entretanto, não podemos esquecer que é de extrema importância fazer associação ao sinal em libras da palavra estudada, pois assim tornará mais fácil para o surdo gravar na mente o que aprendeu.

Inegavelmente podemos dizer que a utilização de jogos em toda e qualquer aula é uma metodologia que gera interesse do aluno no ensino-aprendizagem dos conteúdos, visto que é algo não rotineiro no dia-a-dia escolar. Em vista disso, o professor pode procurar base para dinamizar suas aulas, podendo buscar ajuda na internet, em livros ou em conversas com outros profissionais. O que o docente precisa ter é dedicação e vontade de procurar melhorar suas metodologias para ministrar suas aulas.

Retomando o termo lúdico no ensino de LP para surdos, podemos frisar que é importante ter em mente que, como o mundo do surdo é visual, abusar no uso de imagens é uma estratégia bastante interessante para ele, e assim

usar estratégias lúdicas se torna mais prático e fácil para o professor. Um outro método para usar o lúdico é fazer jogos do tipo dominó, jogo da memória, entre outros, fazendo a associação da palavra com a imagem de modo que aluno fixe a escrita.

Não podemos esquecer das palavras abstratas da LP, essas são mais complexas para o público surdo, pois nesse caso eles precisarão se aprofundar no significado, e cabe ao professor procurar metodologias que faça o surdo compreender a palavra, procurar um meio para que ele consiga fazer uma associação e assim aumentar o seu vocabulário.

Considerações finais

A uso da ludicidade como ferramenta de ensino é um método que necessita ganhar mais visibilidade no meio educacional, pois é de conhecimento geral que o lúdico torna as aulas menos cansativas e mais atrativas.

Podemos concluir com essa pesquisa, que no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos não pode faltar estratégias que motivem esses alunos a buscarem o conhecimento e dessa forma, alcancarem o êxito na aprendizagem da modalidade escrita desta língua, com isso, consideramos importante incluir o uso de estratégias lúdicas para dinamizar as aulas e, por conseguinte fazer com que os alunos obtenham o aprendizado esperado.

É preciso que o docente repense suas aulas e lance mão de metodologias que propiciem ao aluno assumir uma proposta mais ativa perante a sua aprendizagem. Sabemos que é sempre um desafio apresentar novas propostas aos alunos, porém, com o uso de estratégias mais atraentes a aprendizagem pode se tornar mais significativa.

Consideramos essa pesquisa de grande relevância no campo de estudos sobre o ensino para alunos surdos visto que, trata-se de uma área que necessita ser estudada, compreendida e difundida no meio educacional.

Almejamos que este artigo sirva como suporte para os professores refletirem sobre suas metodologias e buscarem conhecer um pouco mais da realidade de seus alunos com surdez.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em 28/07/2018

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DORZIAT, A. **Concepções de Surdez e de Escola: ponto de partida para um pensar pedagógico em uma escola pública para surdos.** São Carlos / SP: Trabalho de Tese (Doutorado), UFSCar (mimeo.), 1999.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 2 ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004,243p

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem.** Revista Pátio, ano 3, n12. fev/abr 2000.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade.** São Paulo: Atlas, 2009. P. 76-97.

QUADROS, Ronice. Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre. Artes Médicas. 1997

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT. Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília : MEC, SEESP, 2006.

STROBEL, K. L. **A visão da in(ex)clusão dos surdos nas escolas.** Campinas: ETD, 2006.